

O ENSINO DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: REFLEXÕES A PARTIR DAS NARRATIVAS DE ESTUDANTES DE DOIS CURSOS TÉCNICOS

THE TEACHING OF HISTORY IN THE INTEGRATED HIGH SCHOOL: REFLECTIONS ON THE NARRATIVE OF STUDENTS OF TWO TECHNICAL COURSES

Adriano Larentes da Silva¹

Leandro Regis²

RESUMO: O Ensino Médio Integrado (EMI) se apresenta enquanto possibilidade de formação educacional que conecta formação básica e formação profissional sob um mesmo curso, a fim de possibilitar uma formação omnilateral dos sujeitos. Nesta senda, o ensino de História no contexto do EMI deve permitir que os estudantes reflitam os diversos construtos humanos erigidos ao longo do tempo. O presente artigo busca, por meio de pesquisas bibliográficas e de campo, realizadas junto a estudantes de dois cursos técnicos integrados do Instituto Federal de Santa Catarina, Campus Gaspar, pensar o EMI e o ensino de História como parte de um processo de formação humana ampla e integral e, assim identificar como os discentes participantes da pesquisa entendem o ensino de História no contexto de sua formação técnica e geral. Os resultados indicam que o ensino de História é relevante na medida em que permite aos estudantes do EMI, ao serem levados ao contato com as diversas trajetórias humanas historicamente constituídas, se entenderem como sujeitos históricos capazes de uma pensar-agir consciente na relação de conhecimento entre passado e presente, a fim de fomentarem um futuro melhor nas relações humanas, em todos os espaços em que elas ocorrem.

Palavras-chave: Ensino médio integrado. Ensino de história. Relações humanas.

ABSTRACT: The Integrated High School (IHS) is presented as a possibility for secondary education that connects basic education and vocational education under the same course, in order to enable an omnilateral education of the students. In this sense, the teaching of History in the context of IHS should allow the students to reflect the various human constructs erected throughout time. This paper seeks, by means of bibliographical and field researches, conducted with students of two integrated technical courses of the Federal Institute of Santa Catarina, Campus Gaspar, to ponder upon the IHS and

¹ Professor do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), *Campus Chapecó*. Pós-doutor em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

² Assistente em Administração do Instituto Federal Catarinense (IFC), *Reitoria*. Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Programa de Mestrado em Educação Profissional em Rede Nacional – PROFEPT/IFSC, da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPT).

teaching of History as part of a process of a broad and integral human development, and thus to identify how those students participating in the research, understand the teaching of History in the context of their technical and general education. The results indicate that the teaching of History is relevant insofar as it allows IHS students, as they are brought into contact with the various historically constituted human trajectories, to understand themselves as historical subjects capable of a conscious thinking-acting in the awareness between past and present relationship, in order to foster a better future in human relationships, in all areas where they occur.

Keywords: Integrated high school. Teaching of history. Human relationships.

Introdução

A educação se apresenta como horizonte limítrofe para que se possam projetar mudanças substanciais nas relações humanas. Em seu âmago, reside a esperança de que o mundo em que vivemos possa caminhar rumo à concretização da justiça e da dignidade entre os homens.

Envolto na abrangente conjuntura educacional, o Ensino Médio Integrado se arvora como proposta educacional, no sentido de estabelecer a possibilidade de os estudantes estarem no centro da formação integral e omnilateral, enquanto sujeitos dotados de capacidade de refletir profundamente acerca do mundo que lhes cerca e de estabelecer horizontes de mudança social, tendo por base uma formação humana para e com seres humanos.

Essa concepção de educação, que ganhou força no Brasil especialmente a partir de 2004, com a publicação do Decreto 5.154, vai ao encontro do que se deseja quando se aborda o ensino integrado enquanto princípio formativo educacional “[...] que compreende como direito de todos ao acesso a um processo formativo, inclusive escolar, que promova o desenvolvimento de suas amplas faculdades físicas e intelectuais” (ARAÚJO; FRIGOTTO, 2015, p. 62). Desenvolver física e intelectualmente é, em suma, perscrutar todas as dimensões que constituem o ser humano no intuito de que as partes – essas dimensões físicas e intelectuais – possam propiciar a formação e a compreensão de um sujeito para consigo mesmo em sua totalidade e, de sua totalidade, possa entender as contradições que formam a relação dialética entre as partes constituintes que formam a integralidade da realidade que conecta cada ser em si ao contexto humano amplo e coletivo.

Nesse tecido social – individual e coletivo – a História é um elemento caracteristicamente humano, pois só os humanos registram conscientemente seus pensamentos e suas trajetórias. Portanto, compreender a História de si e do mundo em que se vive, nada mais é do que mergulhar num elemento essencial do ser humano, sua historicidade, a fim de entender o próprio desenvolvimento da vida individual e social, que se interligam numa completude infinita de possibilidades.

O movimento interpretativo de mundo promovido pelo conhecimento histórico, permite aos homens e às mulheres, apreenderem de forma mais elaborada a realidade em que estão enredados. A oportunidade de serem levados a conhecerem os processos de desenvolvimento humano, nos seus mais diversos aspectos, pode propiciar entendimento mais aprofundado da própria vida e da vida em sociedade.

Essa perspectiva de permitir aos indivíduos o conhecimento estendido das conjunturas sociais e temporais trespassadas através do tempo e que os afeta e também é intermediada por eles, se torna oportuna na medida em que a história humana possa, segundo o que nos coloca Schmidt e Garcia (2005, p. 300), “[...] ser analisada e retrabalhada, com o objetivo de convertê-la em conhecimento histórico, em autoconhecimento [...] numa ordem de vivências múltiplas e contrapostas na unidade e diversidade do real”. Isso tem o objetivo de fazer com que a História possa ser, também, autoconhecimento e, assim, possibilite aos sujeitos a perspectiva de pertencimento no emaranhado sócio-histórico dos homens.

O ensino de História, nesse ínterim, empreende ampliar essas conexões temporais do sujeito para consigo e para com os outros, uma vez que todos são parte de uma história pessoal e social, que não se faz apenas no tempo presente.

Suscitar nos estudantes o encontro da percepção histórica individual e coletiva com o conhecimento científico – especializado – permite aos sujeitos ampliar o conhecimento de contextos que ultrapassam a compreensão minimalista estabelecida no senso comum. Desenvolver a reflexão crítica e aprofundada permite desvelar com maior proficuidade a compreensão dos

acontecimentos frente às generalizações acríticas fabricadas no seio de uma sociedade que se revela carente de sua própria historicidade.

A formação humana e omnilateral se fundamenta na perspectiva de os indivíduos atuarem embasados na correlação imprescindível entre conhecimento científico e realidade prática, intermediados por princípios ético-políticos, no seio de uma sociedade que vivencia as contradições geradas pelo sistema burguês ora vigente, na direção de poder se realizar as transformações sociais necessárias a um mundo mais justo e igualitário (RAMOS, 2010).

Este artigo baseia-se em dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT). Tal pesquisa, teve como objetivo geral compreender, sob a perspectiva dos estudantes que estavam na quarta fase, no segundo semestre de 2018, dos cursos técnicos integrados de Química e Informática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – IFSC, como estes sentem a contribuição do ensino de História para ampliação de sua consciência histórica, na perspectiva de uma formação integral e humana.

A fim de tornar possível a publicação de resultados extraídos a partir do trabalho desenvolvido na pesquisa de mestrado, houve a necessidade de se recortar o escopo da pesquisa original e, assim, dar enfoque a duas das perguntas feitas por meio de questionário aplicado junto à 40 estudantes dos referidos cursos, quais sejam: a) (P2) percebe que o ensino de História se relaciona com seu cotidiano, e esta disciplina fazer parte da grade curricular do seu curso é importante para sua formação enquanto estudante, cidadão e futuro profissional na área em que vier a atuar? Sim ou não e por quê? E, b) (P3) compreende que o ensino de História possibilita, por meio da relação entre passado e presente, conhecer melhor o mundo à nossa volta e, por meio desse conhecimento, permite agir para melhorar o futuro das relações humanas? Sim ou não e por quê?

Os resultados demonstram que a História é imprescindível, na visão dos estudantes, para que estes, no contexto do Ensino Médio Integrado, possam atingir a uma das infinitas dimensões que devem permear os seres humanos: a historicidade que lhes é inerente em sua própria constituição como tal, além de possibilitar, por meio dessa dimensão, angariar esforços para se refletir e agir na

direção de se moldar uma sociedade mais digna e justa, o que perpassa, invariavelmente pelo contexto de uma profissionalização que não se restrinja a formar técnicos habilidosos, mas sem sentimento de humanismo, respeito e justiça social.

1. Ensino Médio Integrado: uma proposta de formação ampliada

A complexificação das relações entre os homens e destes para com o meio onde vivem e se produzem como tais, torna a educação escolar fator preponderante na perspectiva de se permear a possibilidade de gerar a reflexão crítica do indivíduo, relativa à realidade em que está envolto.

Com a finalidade de fomentar a capacidade de atuação e modificação do contexto vigente, e não apenas ser reprodutor do que está posto e, embora não se podendo considerar a escola como única instituição onde a formação humana pode ocorrer, Araújo e Silva (2017), expõem que ela deve ser pensada enquanto um espaço especial na trajetória de estudantes de diversas origens sociais, isto é, local que permita a prospecção de valores que venham a impactar positivamente na constituição de uma sociedade.

Os valores a serem construídos perpassam pelo acesso aos significados produzidos pelas ciências em articulação com os fenômenos da vida humana, a fim de permitir aos sujeitos sólidos fundamentos com relação às suas várias matizes esculpidas ante as diversas variantes em que se inscrevem a pluralidade de nexos a serem estabelecidos entre o conhecimento elaborado e o cotidiano dos sujeitos, pois, desta maneira:

Os significados que as ciências, a literatura, as artes, as linguagens trabalham são inseparáveis dessa pluralidade de experiências. O direito ao conhecimento engloba o direito a captar, estar abertos, sensíveis a essas experiências sociais e o direito a entender seus significados, suas múltiplas determinações e consequências para um viver humano digno e justo (ARROYO, 2013, p. 124).

Para que se efetive esta construção de valores preponderantes na pretensão de se fundamentar uma sociedade habilitada a se constituir de maneira justa e calcada em princípios de integração para o bem comum, o

conhecimento produzido na escola deve permitir o entendimento da correlação dos significados deste conhecimento junto aos desdobramentos sociais inerentes ao desenvolvimento individual e coletivo.

Por esse ângulo, Freire (1996, p.68-69) salienta que os sujeitos levados à oportunidade de se educarem têm “a capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a [...]”. Esta colocação sugere a superação de uma educação alienante e configurada para reproduzir as conjunturas sociais sob o prisma das relações hegemônicas, isto é, incapaz de promover um aprendizado global.

Ante tal asserção temos em Gramsci (1982) o horizonte de uma proposição de escola unitária que se fundamenta por uma concepção educacional que proporcione formação ampliada e voltada para a interlocução entre teoria e prática, entre conhecimentos básicos fundamentais à formação cidadã e conhecimentos técnicos-profissionais. Isto tem por finalidade, conciliar sob um mesmo prisma educacional, um processo de ensino-aprendizagem capaz de fomentar o preparo dos seres humanos para a atuação crítica e consciente perante o contexto social, político, econômico e cultural, bem como, diante da apreensão do trabalho, pelas forças já consolidadas do capital, postular ao trabalhador maior qualificação técnico-profissional.

A concepção educacional de escola unitária, tem por objetivo levar o sujeito a pensar e realizar-se de maneira global, ao empenhar-se na interlocução dos saberes e fazeres sob os vieses social e profissional, sendo este processo uma possibilidade de dimensionar não de forma parcial, senão integralmente, as correlações e fundamentos que se interpõem nas diversas dimensões da vida humana.

Baseando-se na concepção de escola unitária, o Ensino Médio Integrado toma como categorias elementares: trabalho, ciência e cultura, sendo o trabalho a mediação entre o homem e a natureza, um princípio inerente ao próprio ser do homem, em seu desenvolvimento objetivo, na medida em que o produto deste trabalho encontra-se na materialidade da existência humana (RAMOS, 2010).

As consequências dessa ontologia na relação homem-trabalho permite o desenvolvimento do conhecimento, que ao ser sistematizado social e historicamente constitui-se em ciência e, integrando essa tríade de elementos

basilares à integração educacional, a cultura emerge em seu sentido mais amplo, isto é, no processo dinâmico, que por meio da produção de símbolos e significados efetivados no tecido social atribui sentido ao comportamento dos sujeitos na relação dialética entre serem constituídos e constituintes na socialização das representações desses símbolos e significados (RAMOS, 2010).

Essa correlação entre trabalho, ciência e cultura é fruto da compreensão de que os homens se concebem como tais no transcorrer do tempo e, de acordo com Saviani (2007, p. 155), isso se caracteriza por intermédio dos “fundamentos históricos porque referidos a um processo produzido e desenvolvido ao longo do tempo pela ação dos próprios homens” e pelos “fundamentos ontológicos porque o produto desta ação, o resultado desse processo, é o próprio ser dos homens”. Reside nessa relação histórica e ontológica da produção humana, a possibilidade de os sujeitos serem dotados de ações e reflexões que os levem a condição de compreenderem as contradições inerentes de um mundo que, em suas variadas dimensões: históricas, políticas, econômicas, culturais, etc., numa relação dialética, material e histórica que conecta a existência dos homens é, ao mesmo tempo, produtora e produto dessa existência.

Ao se perceber enquanto sujeito ativo em meio às conjunturas históricas e sociais que o circundam, torna-se concebível a este sujeito, por meio do conhecimento desenvolvido e apreendido, interferir de forma consciente na realidade que se apresenta, transformando-a, especialmente na expectativa de se intentar o melhor para si e para a coletividade.

Falar em integração significa ir além do embate frente às deformações econômicas causadas pelo capitalismo, é agudizar o sentimento de humanização diante de um mundo atordoado pela violência cotidiana, pelas guerras em que os conflitos carecem de percepção da origem de suas intencionalidades, e pela própria inversão de valores da vida e do trabalho (CIAVATTA, 2005).

Ao possibilitar que os indivíduos se acerquem das problemáticas cotidianas nas diversas escalas de acontecimentos – local/regional/nacional/global – insinua-se a possibilidade de compreensão, não apenas estanque e momentânea dos acontecimentos, mas, também, da historicidade que lhes acompanham, permitindo, dessa forma, que os sujeitos que usufruem de uma formação omnilateral, possam desvelar os acontecimentos mediados pela correlação entre

passado e presente e dessa correlação, possam extrair dos inúmeros fatos em que estão envoltos, aquilo que agrava e dificulta um conviver digno e justo e, ao mesmo tempo, possam repensar esses atos, para prospectarem mediante a práxis social, um futuro em que as relações humanas se pautem pelo respeito, solidariedade e convivência pacífica.

Advém do necessário entendimento dos construtos históricos que dão causa às mazelas sociais, entrelaçados na história da própria estratificação social, a importância da História enquanto campo do conhecimento, ser alicerce relevante para ampliar a consciência histórica e crítica individual e coletiva dos sujeitos. Portanto, fortalecer a presença da História no contexto educacional, tem por finalidade potencializar o que o Ensino Médio Integrado propõe ao se vincular, conforme explicita Ramos (2017), na unidade entre trabalho, ciência e cultura, no intuito de se permitir uma formação ampla e humanizadora.

2. Ensino de História: formação humana de sujeitos históricos

A História, como campo de conhecimento científico de estudos acerca do passado, torna-se fundamental para a ampliação da consciência crítica, pois é por meio da capacidade de entender as conjunturas da forma mais aprofundada possível que conseguimos nos entender enquanto indivíduos reflexivos e construtores das realidades presente e futura, em articulação com as diversas dimensões da vida humana edificadas no transcorrer do tempo.

O entendimento de que a História, enquanto conhecimento a ser trabalhado no âmbito escolar se faz pertinente, se dá pelo fato de que, conforme nos expõe Silva (2017, p. 32), “estudamos História para entendermos o que somos, fomos, poderíamos ter sido e poderemos vir a ser, o que outras sociedades são, foram e podem vir a ser [...]”. Tal afirmação nos coloca a magnitude da relevância do ensino de História no contexto escolar, visto a possibilidade deste conhecimento propiciar conexões existenciais daquilo que os homens produzem ao longo do tempo.

Contempla esse entendimento, o fato de que os seres humanos: alunos, professores e a sociedade entremeada por estes, estão em constante contato

entre si, posto que a escola não é um espaço desassociado do ambiente em que se insere. Desse ponto de vista, tem-se no horizonte a inserção de temas perpassados no entorno e no interior da escola como situações a serem discutidas em sala de aula e em conjunto com o conhecimento cientificamente elaborado, a ser tratado por professores e alunos.

Advém dessa oportunidade de se trabalhar o saber histórico no contexto escolar e nos demais ambientes vivenciados pelos sujeitos a expectativa de não se resumir o ensino de História à um redimensionamento da história acadêmica, mas sim, sistematizar e viabilizar a conexão com o cotidiano vivenciado pelos sujeitos – estudantes e professores - que se apresenta em constante movimento e requer a aproximação do conhecimento cientificamente elaborado para com as diversas nuances entremeadas na rotina dessas pessoas.

Destarte, ressalta-se a importância de não se privar os estudantes do saber científico – especializado - a ser desenvolvido no ambiente das escolas, em razão de que, como nos afirma Young (2007, p. 1294), “[...] elas capacitam ou podem capacitar os jovens a adquirir o conhecimento que, para a maioria deles, não pode ser adquirido em casa ou em sua comunidade, e para os adultos, em seus locais de trabalho”. A escola é fundamental na promoção e fomento de um conhecimento que não pode ser acessado somente por meio da vida cotidiana prática, já que a vivência por si só não é capaz de penetrar mais profundamente nos meandros dos contextos da vida humana e, desse modo, desvelar os fenômenos e aparências encontradas no espectro da realidade. Dessa forma, o conhecimento especializado, aquele que consegue, a partir de determinado fato, contextualizar com maior amplitude o que está por trás deste, possibilita uma gama maior de interpretação e reinterpretação das ações humanas.

Uma educação comprometida com o horizonte de alargamento do conhecimento dos que usufruem de suas instituições oficiais – as escolas – não pode deixar de dotar as discussões a respeito de determinado tema de conteúdos que ultrapassam o senso comum estabelecido nas relações práticas da vida humana, mas sem se distanciar totalmente destas, a fim proporcionar o entendimento dialético das contradições que se correlacionam entre o conhecimento científico e a vida cotidiana.

Correlacionar a História enquanto conhecimento científico e especializado às temáticas sociais adjacentes às conjunturas atuais deve promover a aproximação do saber erudito de forma a subsidiar a vinculação entre este e as problemáticas sociais contemporâneas, pois, conforme nos aponta Bittencourt (2009, p. 25), “[...] a história escolar não é apenas uma transposição da história acadêmica, mas constitui-se por intermédio de um processo no qual interferem o saber erudito, os valores contemporâneos, as práticas e os problemas sociais”.

Sob a interlocução entre ciência e vida cotidiana, ao passo que esta relação dialética vislumbre avançar o próprio senso comum em direção ao entendimento elaborado das representações sociais inseridas no cotidiano, frisa-se a importância do papel do conhecimento especializado, sem se esquecer da contextualização cotidiana vivenciada pelos estudantes, por isso:

Ao Ensino de História cabe um papel educativo, formativo, cultural e político, e sua relação com a construção da cidadania perpassa diferentes espaços de produção de saberes históricos. Desse modo, no atual debate da área, fica evidente a preocupação em localizar, no campo da História, questões problematizadoras que remetam ao tempo em que vivemos e a outros tempos, num diálogo crítico entre a multiplicidade de sujeitos, tempos, lugares e culturas (SILVA; FONSECA, 2010, p. 24).

Considerar a história como prospecção da construção da cidadania, perpassa convergir o ensino de História, para, em conjunto com a possibilidade de oportunizar uma interpretação elaborada dos fatos e acontecimentos históricos, transformar-se em um ato político, pois como nos aponta Plá (2012, p. 181-182), “la enseñanza de la historia, en cuanto uso público de la historia en el presente, es una acción política”. Dessa maneira, constituir-se politicamente, significa estar a par e fazer-se agir reflexivamente mediante o contexto vivido e apreendido por meio das relações passíveis de serem estabelecidas entre os homens, conseqüentemente, exercendo um papel crítico ao nos relacionarmos com o mundo.

Na perspectiva de se fomentar o diálogo entre o contexto dos alunos - os fenômenos que lhes são inerentes às suas vidas e o conhecimento elaborado, destaca-se observar o que nos indica Revel (1998), ao frisar que se figura tão importante quanto a compreensão histórica dos fenômenos, a forma como

analisar e estabelecer as correlações entre as diferentes escalas de análises desses fenômenos.

Parte-se, assim, do pressuposto de que examinar somente as macroestruturas e a temporalidade de grande duração não permitem uma apreensão de uma realidade mais localizada e parte integrante da estrutura maior. Sob este viés, face as interligações entre o micro e o macrosocial, preponderante se torna voltar os olhares aos indivíduos e às estruturas sociais subjacentes às macroestruturas.

Nesse sentido, Vasconcelos (2012), ratifica tal preceito ao evidenciar a importância de se perceber na conjuntura histórica das pessoas de determinado grupo conexões com as estruturas estabelecidas e tidas como generalistas, visto que, sob uma perspectiva dialética de relações sociais, há uma via de mão-dupla entre o que ocorre em determinados locais e o que ocorre em nível mais abrangente. Por exemplo, a possibilidade de se aventar o trabalho de determinado assunto, no contexto social em que uma escola está inserida e perceber como se associa tal tema junto ao que ocorre em âmbito nacional/mundial.

E nessa construção de interpretações entre a nuances das diversas dimensões da vida atreladas à perspectiva de conexão entre passado, presente e futuro que, por mediação do ensino de História, aventa-se a ampliação da consciência histórica que, para Rüsen (2001, p. 57), se manifesta como uma forma de consciência humana a partir das relações da vida humana cotidiana, desta maneira, a consciência histórica representa “[...] a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência de evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo”. Desse modo temos que a consciência histórica se traduz na própria orientação temporal buscada pelos homens, manifestando-se na tríplice pergunta: o que fomos (o que eu era)? O que somos (o que sou)? E o que seremos (o que serei)?

Sob este horizonte, busca-se aproximar o ensino de História no contexto do Ensino Médio Integrado, perscrutando a realidade dos alunos e enfocando a correlação entre as análises individuais dos acontecimentos associando-as às conjunturas que se apresentam na sociedade, uma dimensão que transborde um

cenário restrito ao desenvolvimento do conhecimento estritamente técnico voltado ao desempenho de um conjunto de habilidades profissionais.

Abordar o ensino de História em um curso de Ensino Médio Integrado ao ensino técnico, por se tratar de um curso direcionado ao público jovem, pressupõe abordagens que possam se caracterizar e ter como ponto de partida situações que envolvam aspectos humanos do dia-a-dia a serem debatidos em aula, posto que a essencialidade da Ciência Histórica reside nas confluências e descontinuidades promovidas pelas ações dos homens em seus percursos vitais.

Essa perspectiva, no caso dos cursos de ensino técnico integrado ao Ensino Médio, independentemente da escolha profissional que os sujeitos façam, tem a premissa de que seus pensamentos e atos sejam embasados numa visão de totalidade da realidade.

A percepção e apreensão do contexto social e suas mazelas visa produzir uma capacidade de atentar-se à ideia de que os fatos produzidos historicamente influenciam no desenvolver de uma determinada sociedade, seja no ambiente profissional, escolar ou nas demais dimensões de interações entre os sujeitos.

O ensino de História, como qualquer outro campo do conhecimento, não pode ser desconectado das demandas sociais e de desenvolvimento crítico dos indivíduos e coletividades, faz-se importante a compreensão e a inter-relação do saber histórico com o mundo que se modifica à medida que o homem transforma a si e o meio em que vive, por isso “[...] é fundamental que haja novas reflexões e pesquisas sobre o fazer historiográfico em sala de aula e seus sentidos, em especial no contexto do currículo integrado” (SILVA, 2016, p. 43).

O Ensino Médio Integrado caracteriza-se por estar envolvido na perspectiva profissional dos alunos, entretanto, cabe nesta forma de oferta de ensino, um horizonte que extrapole a formação profissional para recuperar ou desenvolver a capacidade de os sujeitos se entenderem enquanto seres históricos e sociais influenciados e influenciadores nos diversos âmbitos da vida. Nesse ponto, cabe ao ensino de História, viabilizar a construção dos debates acerca dos contextos e realidades onde estão inseridos os alunos. E, assim, favorecer a formação humana de sujeitos históricos mediados e mediadores do mundo em que vivem, sob um processo de, além de serem produtos, serem

também produtores das interpretações e ações consigo mesmos e com a coletividade em que se inserem e com as quais se relacionam.

Na perspectiva de fomentar um ensino de História que possa, de fato acrescentar sentimentos e valores que agreguem na formação de estudantes comprometidos com as mudanças sociais necessárias à uma sociedade mais digna e justa no futuro, torna-se importante sobremaneira, compreender como os próprios estudantes inseridos em um contexto de Ensino Médio Integrado entendem o conhecimento histórico capaz de interligar a História enquanto conhecimento científico à suas vidas cotidianas.

3. História no Ensino Médio Integrado: compreensão histórica das relações humanas

O entendimento dos processos históricos se faz premente na medida em que busca disponibilizar aos indivíduos as conexões que medeiam as relações humanas passíveis de serem observadas ante o aporte histórico possibilitado por diálogos e atividades que visam, no interior de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio, dar um significado mais abrangente às situações da vida prática e, por intermédio das correlações interpretativas entre passado e presente, possibilitem auxiliar o ser humano a planejar o futuro.

Toda essa perspectiva entrelaçada no ensino de História tem vida e “voz” quando analisadas alicerçando-se nas exposições de quem, precipuamente usufrui do conhecimento histórico no ambiente escolar para as suas próprias vidas a partir de se reconhecerem como sujeitos históricos enquanto seres sociais frutos das diversas dimensões que compõem a vida em sociedade e que se desenvolveram ao longo do tempo.

Tendo em vista a pesquisa realizada no segundo semestre de 2018, junto aos estudantes da quarta fase dos cursos técnicos integrados de Química e de Informática, do IFSC – Câmpus Gaspar, buscou-se, por intermédio de questionários impressos de perguntas abertas, extrair dos alunos suas posições a respeito do ensino de História e sua relação com o seu cotidiano e, conseqüentemente com a vida profissional em que atuam ou venham a atuar.

Dessa forma buscou-se saber como eles entendem a contribuição do ensino de História no âmbito dos cursos técnicos integrados nos quais são estudantes. E, além disso, como percebem a importância da História para a melhoria das relações humanas futuras.

Salienta-se que, a fim de assegurar o sigilo dos respondentes da pesquisa, nomeou-se os estudantes com um termo genérico – Alunx de 1 a 40 e P de 2 a 3, (exemplo: Alunx 5/P2), em cada uma das questões respondidas, onde Alunx = estudante (sem se definir o sexo e com nome genérico); 1 a 40 = enumeração para diferenciar os respondentes e; P 2 a 3 = informa qual a pergunta do questionário foi respondida. Explica-se ainda que o Alunx 1/P2 não necessariamente é o mesmo Alunx 1/P3 e assim por diante. Tais observações têm a intenção de preservar o anonimato dos participantes da pesquisa.

Neste sentido temos, como exemplos, as seguintes colocações fornecidas pelos discentes acerca da História e seu significado primordial para se poder compreender a presença humana neste mundo. Estudar História se faz importante “[...] pois tudo ao nosso redor tem uma história e quanto melhor nós a conhecermos nosso conhecimento será ampliado” (ALUNX 5/P2). Assim, “[...] ela explica várias questões que ocorrem no presente que tem ligação direta ou indireta com o passado, e que devem ser estudadas para uma melhor compreensão” (ALUNX 23/P2).

Além disso, provoca nos indivíduos, de forma pertinente, a necessidade de análises acerca daquilo que os caracteriza enquanto pessoas que participam do desenvolvimento histórico e social humanos, porque “[...] a história é necessária para a construção social do ser humano, dado que esta mostra toda a trajetória da humanidade e levanta questões primordiais [...]” (ALUNX 27/P2), pois “[...] sem conhecimento da história de como chegamos a esse ponto e quem colaborou com tal acontecimento, estaríamos perdidos com o mundo à nossa volta” (ALUNX 30/P2).

Essa percepção dos estudantes da importância da História e, por consequência, do ensino de História para a formação dos sujeitos na qualidade de pessoas que sejam capazes de refletir de maneira aprofundada as diversas conjunturas que permeiam as relações humanas, também pode ser constatada nas afirmações adiante. Isso se deve ao fato de que nos é permitido, mediante o

conhecimento histórico, depreender uma infinidade de contextos ao se relacionar as partes – diferentes realidades – tanto espaciais quanto temporais. Diante disso, é-se capaz de apreender uma totalidade que se demonstra ampla e que não se encerra em um determinado local e/ou em um determinado período. A abrangência da História é reconhecida quando se tem *que “[...] História é uma matéria muito importante, pois engloba vários contextos [...]”* (ALUNX 8/P2). *“[...] Pois conhecer a história nos faz compreender o mundo de maneira ampla [...]”* (ALUNX 10/P2).

Em meio à essa enormidade de histórias – fatos e acontecimentos – do passado/presente e de lugares – os espaços em que se desenvolvem determinadas situações históricas – o ensino de História tem papel crucial na perspectiva de lançar no interior dos debates a respeito dos diversos acontecimentos históricos e suas relações com o cotidiano dos sujeitos um horizonte em que seja admissível relacionar os pensamentos e ações de indivíduos e de grupos de determinado contexto histórico com os fatos de caráter generalista que se distendem no espaço e no tempo.

As particularidades de coletividades ou sujeitos amplificam o entendimento de propriedades das estruturas generalistas e destas para com aquelas. Quando se toma a relação dialética entre o micro e o macrohistórico, existe a possibilidade de se confrontar diferentes perspectivas. Tais horizontes não se invalidam, mas se complementam para que seja possível compreender as correlações entre o local e o global, entre o que se passa no cotidiano e que sofre influência das estruturas de maior amplitude, a fim de se propiciar a compreensão de singularidades que afetam e são afetadas pela macroestrutura social.

Por isso, ao ensino de História, há uma incumbência de se fornecer não apenas as perspectivas macroestruturais, mas sim, os enredos que eclodem em comunidades e como uma determinada situação se inter-relaciona entre um nível local e um nível universal. Nas palavras do estudante há a situação de *“[...] que a história é conhecer toda a vida humana e assim conhecer as trajetórias, desafios e singularidades [...]”* (ALUNX 32/P2). Isso se deve ao fato de que *“[...] o sujeito histórico pertence a um local, período e sociedade. Tal integração descreve a relação humana para com a sociedade, pois este é constituído por*

ela” (ALUNX 15/P3). Nessa relação entre o indivíduo e a coletividade caracteriza-se a perspectiva de se entender a história individual como parte de algo maior “[...] pois a partir do momento que você conhece a sua história, compreende o mundo atual” (ALUNX 14/P2).

Ao se permitir se utilizar das micronarrativas em relação dialética com as macronarrativas, busca-se conectar os fios que interligam as diversas nuances que se encontram entre as histórias de indivíduos, de determinados locais e histórias sociais – coletivas (REVEL, 1998). Essas conexões aludem à uma história capaz de integrar as diversas dimensões que estão presentes na vida e na realidade de indivíduos e sociedades.

Levado a imbricar-se por esses caminhos de “diferentes histórias”, a consciência histórica tende a ser dilatada, posto que ao conseguir observar as diferentes escalas dos acontecimentos históricos é possível questionar-se quanto às diversas assunções que envolvem determinado fenômeno, tendo em vista que “[...] ter conhecimento do conteúdo de história é muito importante para a formação de um indivíduo” (ALUNX 6/P2). E assim “[...] nos tornamos cidadãos com conhecimento podendo relacionar o assunto com o cotidiano que passamos [...]” (ALUNX 9/P2).

As colocações dos Alunxs 6/P2 e 9/P2, evidenciam que a História não é um conhecimento solto no tempo, ou que, por meio de consensos destituídos de conhecimento minimamente crítico, se refere apenas às coisas passadas ou que serve apenas como dados e fatos curiosos acerca de um “mundo que não existe mais”, mas sim, é um conhecimento que se reveste de acontecimentos que em maior ou menor escala se conectam substancialmente com o cotidiano atual.

Advém dessa percepção o estímulo ao alargamento da consciência histórica que, conforme Rüsen (2001) e Cerri (2001), está intrinsecamente imbricada na vida prática, pois a fruição do conhecimento histórico não pode ser estabelecido ante um continuum enraizado na proposição de que somente aos eruditos lhes é possível fornecer aos demais a tomada dessa consciência, senão que esta consciência é parte inerente do pensar humano.

Com a expansão da consciência histórica, a compreensão da realidade e de suas partes que a integram, passa-se a aglutinar as teias que entrecruzam-se para formar o todo complexo no qual estamos situados. Pensar e (re)agir aos

contextos e aos problemas dispostos no tempo e no espaço significa dar significado às contingências humanas que nos são impelidas e, para além de viabilizar o entendimento entre passado e presente, vislumbra panoramas futuros.

É sob esse ângulo de relação passado-presente-futuro que os estudantes reconhecem que o ensino de História concebe-se imprescindível para as relações humanas. Pois, "*[...] ao conhecer a história podemos analisar as ações realizadas e seus respectivos resultados, permitindo observar as evoluções e evitar os erros*" (ALUNX 19/P3). Sendo que "*[...] o conhecimento histórico nos permite ser cidadão crítico à nossa volta. Com isso, podemos utilizar de conhecimentos prévios para melhorar a condição futura a qual nos encontramos*" (ALUNX 22/P3). E isso se faz imprescindível, na medida em que "*[...] ao estudar história, é possível comparar movimentos ocorridos no passado com movimentos que ocorrem no presente e tentar agir de modo a não cometer os mesmos erros*" (ALUNX 36/P3), "*[...] pois sabendo o que aconteceu compreendo o contexto atual e assim possibilita novas ações para melhorá-lo [...]*" (ALUNX 25/P3).

Encontra-se nesse caráter de fomento de interpretação dos acontecimentos passados e suas relações com o momento atual, dentro de uma perspectiva de mediação entre a ciência e o dia-a-dia, a expectativa de que os sujeitos não apenas enxerguem os fatos históricos como meros dados brutos mas que no âmbito escolar o ensino de História lhes propicie a contextualização destas informações e, assim, que elas possam ser aplicadas na vida prática (PLÁ, 2012). As afirmações dos Alunxs 19/P3, 22/P3, 36/P3 e 25/P3 definem a relevância das aulas de História para a compreensão das interligações dos eventos que ocorrem ao longo do tempo.

À História incumbe-se de ao servir-se do conhecimento científico elaborado e da realidade a que estão subscritos os indivíduos, fazer-se, no ambiente escolar, intermediada pelo processo de ensino-aprendizagem do ensino de História, garantir a condição de diante da compreensão dos eventos históricos, que os estudantes ampliem sua atuação enquanto cidadãos capacitados a intervirem para a melhoria das relações humanas. E, de acordo com as explanações dos alunos a seguir isso pode se concretizar, tendo em vista que "*[...] a partir dos estudos históricos, podemos analisar costumes humanos,*

alguns bons e outros não, assim estudando história evitamos e aprendemos com erros da humanidade, conscientizando a população futura e os estudantes” (ALUNX 17/P2). Diante disso: “[...] *ao analisarmos contextos da história antiga e alguns atuais, podemos avaliar as relações entre as pessoas e nos adequar para melhorar”* (ALUNX 4/P3). Outrossim o estudante compreende “[...] *que o Ensino de História atua como fator influente no processo de formação cidadã dos indivíduos ao passo que tal unidade curricular norteia o desenvolvimento da concepção individual acerca dos mecanismos de funcionamento do mundo”* (ALUNX 18/P2).

Com a possibilidade de formação ampliada propiciada por um ensino de História comprometido em ofertar aos estudantes a possibilidade de se entenderem como pessoas capazes de abstrair a essência das manifestações sócio-históricas realizadas pelos homens, a cidadania tende a aparecer enquanto qualidade que, embora esteja entrelaçada nas contradições da sociedade capitalista, permita estabelecer mutações sociais necessárias na direção da melhoria nas relações humanas.

Nesse sentido, as melhorias das relações humanas se dá pela mediação da consciência histórica, das compreensões do micro e do macrohistórico e suas correlações com as diferentes escalas dos acontecimentos e da cidadania como fonte de percepção dos construtos humanos e das transformações sociais por quais essas realizações humanas sociais precisam passar.

Considerações Finais

Ao longo da história educacional brasileira, o Ensino Médio tem sido alvo de modificações profundas em sua constituição enquanto proposta de formativa para jovens e jovens e adultos e, em última instância, palco do retrato da desigualdade social – a divisão de classes impetrada pelo sistema capitalista. Neste sentido, a dualidade social-educacional do Ensino Médio esteve permeada pela dicotomia entre uma formação voltada para os trabalhadores e filhos de trabalhadores e outra para as classes mais abastadas da sociedade (MOURA, 2007).

A dualidade educacional se traduz em: de um lado, a formação técnica, pragmática, fragmentária e minimalista, para abastecer com mão-de-obra o mercado de trabalho e, de outro lado, a formação propedêutica, voltada eminentemente ao preparo para o acesso ao Ensino Superior.

Na contramão dessa dualidade presente no Ensino Médio, o Ensino Médio Integrado se constrói como uma possibilidade de integrar esses “dois mundos”, sob um mesmo curso, entretanto não apenas se caracterizando pela justaposição de formações distintas, mas sim, na perspectiva de se emoldurar um horizonte educacional que seja capaz de, em meio à realidade da necessidade de subsistência que os jovens têm, configurar-se como acesso não apenas a um preparo técnico e pragmático destituído do fomento à capacidade crítica e reflexiva dos fenômenos sociais – históricos; políticos; econômicos; etc. – mas sim, que tome todo esse contexto historicamente construído como princípio para uma formação humana e omnilateral dos sujeitos.

Nesta senda, encontra-se a História, enquanto conhecimento que se caracteriza eminentemente pelo estudo das ações humanas no tempo e as interpretações que recaem sobre essas ações, a fim de elucidar os construtos históricos que levam os homens a pensarem e agirem de determinada forma no tempo presente, bem como, conforme nos expõe Rüsen (2001), tais interpretações possibilitam planejar o futuro, de tal forma que a consciência histórica dos sujeitos possa ser desenvolvida na medida em que estes entram em contato com os diversos fatores que inscrevem a existência humana sobre a Terra, a relação material e concreta que o homem tem consigo mesmo, com as demais pessoas e com a natureza.

Dentro desse contexto, o objetivo desse estudo foi compreender, a partir das narrativas dos discentes, como eles enxergam a importância de, em cursos que pretendem unificar e correlacionar o ensino profissionalizante ao ensino propedêutico, a contribuição do ensino de História para a formação integral que deve permear a inúmeras dimensões da vida humana e, sem dúvidas, uma dessas dimensões é a histórica.

Conforme nos aponta Hobsbawn (1998, p. 32), “nadamos no passado como peixe na água, e não podemos fugir disso. Mas nossas maneiras de viver e nos mover nesse meio requerem análise e discussão”. Essa metáfora nos

propicia verificar a dimensão do passado na vida dos seres humanos. A percepção de tanta intimidade nos revela como estamos intrinsecamente envolvidos pelo passado. Ao haver a pesquisa e a elaboração interpretativa a História passa a não se constituir em um mero apanhado de datas ou relatos descritivos de fatos ocorridos ou uma exposição de eventos aleatórios passados, sejam políticos, econômicos, religiosos, culturais ou quaisquer outros baseados na intervenção humana.

Por fim, depreendemos da análise feita à partir das exposições dos alunos, as seguintes dimensões a: 1) consciência histórica que se configura na interpretação das questões práticas da vida, por intermédio do conhecimento científico mediado pela História, que proporciona uma correlação estruturada entre os acontecimentos passados, a atualidade e, auxilia no planejamento das ações vindouras; 2) do microhistórico ao macrohistórico: a compreensão que interliga o "eu-histórico", aquilo que o indivíduo carrega consigo de conhecimento acerca do passado, passando pelas apreensões acerca da história de determinados grupos sociais e chegando à totalidade social, num movimento que permita compreender essa relação dialética nas diferentes escalas dos acontecimentos sócio-históricos; 3) a cidadania entendida como proposta de politização dos sujeitos intermediada pela possibilidade do conhecimento histórico vinculado à dinâmica social concreta e influenciada pelo pensar-agir dos sujeitos e; 4) pensar a História no contexto do Ensino Médio Integrado enquanto elemento comum e inerente a todos os seres humanos e sociedades no diversos espaços e tempos históricos.

O ensino de História precisa ser entendido e dinamizado junto às demandas sociais do tempo presente e, acrescentamos o futuro – pois as ações (re)interpretadas no tempo presente terão repercussão no devir da existência dos sujeitos – na intenção de que a consciência histórica retroalimentada pelo decurso cotidiano integrado ao processo científico promova a formação de seres conhecedores de si e do outro, em tempos e espaços diferentes, ante o horizonte de totalidade das engrenagens que movem, distorcem e se reconstroem no amplo tecido social.

Referências

ARAÚJO, Adilson Cesar; SILVA, Cláudio Nei Nascimento. Ensino médio integrado: uma formação humana, para uma sociedade mais humana. *In: ARAÚJO, Adilson Cesar; SILVA, Cláudio Nei Nascimento (org.). Ensino médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios.* Brasília: IFB, 2017. p. 9-19.

ARAÚJO, Ronaldo Marcos; FRIGOTTO, Gaudêncio. Práticas pedagógicas e ensino integrado. *Educação em Questão*, Natal, v. 52, n. 38, p. 61-80, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/download/7956/5723/>.

Acesso em: 18 jun. 2018.

ARROYO, Miguel G. *Currículo, território em disputa*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BITTENCOURT, Circe (org.). *O saber histórico na sala de aula*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

BRASIL. *Decreto n. 5.154, de 23 de julho de 2004*. Regulamenta o § 2 do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 26 jul. 2004. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm.

Acesso em: 14 nov. 2017

CERRI, Luis Fernando. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da História. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 93-112, 2001. Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2133>. Acesso em: 10 set. 2018.

CIAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. *In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (org.). Ensino médio integrado: concepção e contradições.* São Paulo: Cortez, 2005. p. 83-105.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HOBBSAWN, Eric. *Sobre História*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MOURA, Dante Henrique. Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. *Holos*, Natal, v. 2, p. 4-30, 2007. Disponível em:

<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/11/110>. Acesso em: 15 nov. 2017.

PLÁ, Sebastián. La enseñanza de la historia como objeto de investigación. *Secuencia*, México, n. 84, p. 161-184, 2012. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0186-03482012000300007. Acesso em: 23 maio 2018.

RAMOS, Marise. Ensino médio integrado: ciência, trabalho e cultura na relação entre educação profissional e educação básica. In: MOLL, J. et al. (org.). *Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades*. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 42-57.

RAMOS, Marise Nogueira. Ensino médio integrado: lutas históricas e resistências em tempos de regressão. In: ARAÚJO, A. C.; SILVA, C. N. N. (org.). *Ensino médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios*. Brasília: IFB, 2017. p. 20-43.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 15-38.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: UnB, 2001.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 12, p. 152-180, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2017.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. *Cad. CEDES*, Campinas, v. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622005000300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 dez. 2018.

SILVA, Adriano Larentes. Ensino de história no currículo integrado: desafios do tempo presente. *Revista História Hoje*, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 26-45, 2016. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/302>. Acesso em: 15 out. 2017.

SILVA, Marcos. A necessidade da história na aprendizagem escolar. In: FEIJÓ, G. V.; SILVA, T. F. (org.). *Ensino e pesquisa em história e humanidades nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: desafios e perspectiva*. Brasília: IFB, 2017. p. 29-44. Disponível em: <http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/editoraifb/article/view/483>. Acesso em: 15 mar. 2018.

SILVA, Marcos Antônio da; FONSECA, Selva Guimarães. Ensino de história hoje: errâncias, conquistas e perdas. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 31, n.

60, p. 13-33, dez. 2010. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v30n60/a02v3060.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2018.

VASCONCELOS, José Antônio. *Metodologia do ensino de História*. Curitiba: Intersaberes, 2012. Disponível em:
<https://bv4.digitalpages.com.br/?term=vasconcelos&searchpage=1&filtro=todos&from=busca&page=-2§ion=0#/legacy/6052>. Acesso em: 20 dez. 2018.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas?. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, v. 18, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n101/a0228101.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2018.

Recebido em 13 de junho de 2019
Aprovado em 20 de outubro de 2020